

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARY—Aquarellas, O parasita—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin—A hospitalidade no Brasil (Uma excursão por Minas)—Opera nacional—Uma alma remida (lenda)—O mar e a vida—Revista dos theatros—Poesias, A morte de Junqueira Freire—Louvres á Deus—Noticias e mão.

Aquarellas.

II.

O PARASITA.

(Continuação.)

O parasita litterario tem os mesmos traços psychologicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinidade latente com o fanqueiro litterario. A unica differença está nos fins, de que se affastam legoas; aquelle é por ventura mais casto, e não tem mira no resultado pecuniario — que parece inspirar o fanqueiro. Justiça seja feita.

A imprensa é a mesa do parasita litterario; senta-se a ella com toda a sem cerimonia; come e distribue pratos com o sangue frio mais allemão deste mundo — diante da paciencia publica — que vacila sobre os seus eixos. Um amigo meu define perfeitamente este curioso animal; chama-o *Vieirinha da litteratura*. Vieirinha, lembro ao leitor, é aquella personagem que todos tem visto em um drama nosso.

De feito, este parasita é um Vieirinha, sem tirar nem pôr; cortesão das letras cerca-as de cuidados, sem alcançar o menor favor das musas.

Segue-as por toda a parte, mas sem poder tocá-las. Só não sobe ao monte sagrado, por que é uma excursão difficil, e só dada a pés mais de ferro, e a vontades mais serias. Alli, ficam elles nas fraldas, soltando uma orchestra de gemidos, até que o velho cavallo os vem despedir com uma amabilidade de pata soffrivelmente acerba.

Um couce é sempre uma resposta ás suas supplicas... Represalia no caso.

Eterna lei das compensações!

Entre nós o parasita litterario é uma individualidade que se encontra a cada canto. E' facil verificá-lo. Pegai em um jornal; o que vedes de mais saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquella mesa intellectual, um chuveiro de prosa ou verso, sem dizer — agua vai!

Verificai-o!

O jornal aqui não é propriedade, nem da redacção nem do publico, mas do parasita. Tem tambem o livro, mas o jornal é mais largo, e mais facil a contel-os.

A's vezes o parasita associa-se e crea um jornal proprio.

Aqui é que não ha escapar-lhe.

Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate! E' o rei Sancho na sua ilha!

Elle pôde parodiar o dito historico: *Féat c'est moi!* porque as quatro ou seis paginas, na verdade, são d'elle, todas dolle. Elle pôde gritar alli, ninguém lh'o impedirá, ninguém; uma vez que não offenda a moral publica. A policia pára onde começa o intellectual e o senso commum; não são crimes no codigo as offensas a esses dois elementos de sociedade constituida.

Ora, sustentado assim pelos poderes, o parasita litterario invade, como o Huno moderno, a Roma da intellectualidade, com a decencia moral nos labios, mas sem a decencia intellectual.

Tem pois o jornal, proprio ou não proprio, onde pôde sacudir-se a gosto, garantido pelas leis. Se desdenha o jornal tem ainda o livro.

O livro!

Tem ainda o livro, sim. Meia duzia de folhas de papel dobradas, encadernadas, e numeradas é um livro; todos tem direito a esta operação simples, e o parasita por consequito.

Abriu esse livro e compulsá-lo, é que é heroico e digno de pasmo.—O que ha por ali,

santo Deus! Se é um volume de versos—temos nada menos que uma collecção de *pensamentos* e de notas arranhadas laboriosamente em harpas selvagens como um tamoyo. Se é prosa—temos um apontado de phrases descabelladas que se prendem entre si, segundo a opinião do autor. E' muitas vezes um drama, um romance mysterioso, de que o leitor não entende pitada. Se eu quizesse ferir individualidades, tocar em susceptibilidades, desenrolaria aqui um sudario dessas invasões na litteratura; mas o meu fim é o individuo, e não um individuo.

O parasita litterario vai ainda aos theatros. Esta invenção de recitar nos theatros, tirada da antiguidade grega, que levantava um bardo em um festim, como nos mostra a Odysséa, abriu um precedente, e deu azo ao abuso. A autoridade que é ainda a policia, não indaga do merito da obra, e quer apenas saber se ha alguma cousa que fira a moral. Se não, póde invadir a paciencia publica.

Todos os leitores estão de posse deste traço do parasita litterario. As salas dos nossos theatros tem repercutido immensas vezes com esses arranhamentos de lyra. Basta bater palmas de um camarote e ter alguns exemplares para distribuição; a platéa deve receber aquelle aguaceiro intellectual.

O parasita está debaixo do código.

Ora, o que admira no meio de tudo isto, é que sendo o parasita litterario o vampiro da paciencia humana, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, o que digo? adeptos, sympathias, applausos!

Ha quem lhes faça crer que alguma cousa lhes ruma pela cabeça como a André Chenier; elles, a quem já não faltava vontade de crer, acceitem como principio evidente, essa solução do impossivel, que a parvoice lhe dá de boa vontade.

Que gente!

Os traços physiologicos do parasita são especiaes e caracteristicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e photographias. Assumem a certo ar pedantesco, tomam um timbre dogmatico nas palavras; e ao contrario do fanqueiro que tem a espinha dorsal molle e flexivel—elle não se curva nem se torce; a vaidade é o seu espartilho.

Mas por compensação, ha a modestia nas palavras ou certo abalimento, que faz lembrar esse *ninguém elogiado* da comedia. Mas ainda assim vem a affectação; o parasita é o primeiro que está conscio de que é alguma cousa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

Pobre gente!

Podiam ser homens de bem, fazerem alguma

cousa para a sociedade, honrar a massa nacional, contendo-se na sua esphera propria; mas nada, sahem uma noite da sua nullidade e vão por ali matando a ferro frio.

E' que tem o evangelho diante dos olhos...

Bemaventurados os pobres de espirito.

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vertebras da sociedade. Entra na igreja na politica e na diplomacia; ha laivos d'elle por toda a parte.

Na igreja sob o pretexto do dogma, estabelece a especulação contra a piedade dos incautos, e das turbas. Transforma o altar em balcão e ambula em balança. Regala-se á custa de crenças e superstições, de dogmas ou preconceitos, e lá vai passando uma vida de rosas.

A historia é uma larga tela dessas torpezas commettidas á sombra do culto.

O parasita da igreja toda a idade media o viu, transformado em papa vendeu as absolvições, mereadejou as concessões, lavrou as bullas. Mediante o ouro applanou as difficuldades do matrimonio quando existiam; depois, levantou a abstinencia alimentar, quando o crente lhe dava em troco uma bolsa.

E' um desmorroneamento social. O parasita teve uma famoza idéa em embrenhar-se pela igreja. A dignidade sacerdotal é uma capa magnifica para a estupidez que toma o altar como um canal de absorver ouro e regalias.

Assim collocado no centro da sociedade, desmoralisa a igreja, pollue a fé, rasga as crenças do povo. Entra, todos o consentem, no centro das familias, sem haver sacudido o po das torpezas que lhe nodôa as sandalias. Dominou moralmente as massas, os espiritos fracos, as consciencias virgens.

Esta transformação do parasita não tende por ora a desaparecer; a fogueira de J. Huss, não queimou só o grande apostolo, devorou tambem o vestibulo desse edificio de misérias levantado por uma turba de parasitas, parasitas da fé, da moralidade e do futuro.

A nós o derrocar a cupola.

Em politica, galga, não sei como, as escadas do poder, tomando uma opinião ao grado das circumstancias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a fronte levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escandalo.

Exiguo de luz intellectual,—toma lá o seu assento, e trata de palpar para apoiar, as maiorias. Não pensa mal! quem a boa arvore se encesta...

Alguns sobem assim; e todos os povos tem sentido mais ou menos o pezo do dominio desses bohemiens de hontem.

Deixal-os subir ás mesas supremas do festim

publico. Mas tenham cuidado na solidez das cadeiras em que se sentarem.

Na diplomacia, é mais fácil o ingresso ao parasita. Encarta-se ali em qualquer legação ou embaixada, e vai saltitar em Pariz ou em Vienna. Lá representam tristemente a patria que os vio nascer, na massa collectiva da embaixada ou da legação. O que faz de melhor, esse *parvenu* sem gosto, é brilhar na arte das roupas como cripheo da moda que é. Já é muito.

Podia, se não temesse fatigar, fazer uma enumeração mais longa das familias do parasitas que irradiam destas especies cardeaes. Seria, entretanto, uma longa historia que demandaria mais largo espaço; e não caberia nestas ligeiras aquarellas.

O parasita é tão antigo, creio eu, como o mundo, ou pelo menos quasi.

Em economia politica é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exactamente a mesma figura que um zangão na república das abelhas.

Extinguir o parasita não é uma operação de dias, mas um trabalho de seculos. Os meios não os darei eu aqui. Reproduzo, não moraliso.

M—as.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

I.

A CASA DA RUA DE VAUGIRARD.

(Continuado do n. 5.)

Fiz essa tarde com M. de Villenave o mesmo que fazia com todos; e quando cheguei aos tres quartos do seu discurso, em vez de ouvi-lo a primeira cousa que fiz foi olhar para elle.

Era um velho de sessenta e quatro a sessenta e cinco annos, bellos cabellos de prata pura, tez pallida, olhos negros e vivos; tinha no trajo aquella especie de casquilharia abstracta dos homens laboriosos, que vestem-se uma ou duas vezes na semana, quando muito, e durante o resto do tempo vivem no pó do gabinete com umas calças velhas, chambre velho e chinellas velhas. A fatiota dos dias duplos, composta da camisa de pregas miudas, o casacão, a gravata branca dobrada a ferro, estão aos cuidados da mulher ou da filha, ou da dona da casa emfim.

D'ahi vem o protesto d'esta fatiota tão batida, tão escovada contra a fatiota de todos os dias,

de todas as horas, a qual tem horror á bengalla do junco e á escova de fato.

M. de Villenave trajava casaca azul com botões amarellos, calça preta, gravata e colete branco.

Que singular machina é o pensamento, esse mecanismo intellectual que anda ou pára independente da vontade, porque é regulado pela mão de Deus, pendula que sôa, a seu talante, as horas do passado e ás vezes do futuro!

Sobre o que se fixou meu pensamento ao ver M. de Villenave? Seria, como eu dizia á pouco em um canto do discurso? Não, era em um canto de sua vida.

Lêra eu ha muito tempo, onde não sei, uma brochura do M. de Villenave, publicada em 1794, intitulada: — *Relação da viagem de 132 Nantenses.*

A este episodio da vida de M. de Villenave se apegára meu espirito, ao vê-lo pela primeira vez.

Com effeito M. de Villenave habitára em Nantes em 1793, isto é, ao mesmo tempo que lá residia João Baptista Carrier de sanguinolenta memoria.

Lá tinha elle visto o proconsul, que achava os processos longos e a guilhotina lenta, supprimir os processos, aliás inúteis, porque nunca salvavam o reo, e substituir á guilhotina os botes de valvula, talvez estivesse no cães do Loire, a 15 de Novembro, quando Carrier, para primeiro ensaio dos seus *banhos republicanos* e suas *deportações verticaes* (eram os nomes que elle dava ao novo genero de supplicio que inventára) mandou embarcar noventa e quatro padres, sob pretexto de os transportar para Belle-Isle; talvez estivesse junto ás margens do rio, quando este horrorisado arremessára sobre ellas os noventa e quatro cadaveres dos homens de Deus: talvez que elle se indignasse contra aquelle espectáculo, que, ao cabo de pouco tempo, corrompêra, repetindo-se todas as noites, a agua do rio, a ponto de ser prohibido beber della: talvez que mais imprudente ainda, ajudára elle a dar sepultura a alguma d'aquellas primeiras victimas, que tinham de ser acompanhadas de tantas outras; o facto é que um dia pela manhã, fôra M. de Villenave preso, lançado no carcere e destinado elle, assim como seus companheiros a levar seu contingente para a corrupção do rio, quando Carrier mudára de idéa. Escolhêra cento e trinta e dois presos, já todos condemnados, e os mandára marchar sobre Paris, como uma homenagem dos cadafalsos da provincia á guilhotina da capital: porém apenas tinham partido, tornou Carrier a mudar de opinião: sem duvida a homenagem lhe parecêra insignificante, e mandou ao capitão Boussard, commandante da escolta, or-

dem de fusillar seus cento e trinta e dois prisioneiros, logo que chegassem a Auenis.

Boussard que era um homem de bem, não se importou com a ordem, e seguiu seu caminho para a capital.

Soando isto a Carrier, ordenou ao convencional Hentz, proconsul em Angers, que prendesse Boussard quando passasse, e lançasse ao rio os cento e trinta e dois Nantenses.

Hentz mandou prender Boussard; mas quando se tratou de afogar os cento e trinta e dois prisioneiros, o bronze do seu coração revolucionario, que não era triplicado, segundo parece, derreteu-se, e elle ordenou que as victimas continuassem seu caminho para a capital.

O que fez dizer Carrier, sacudindo a cabeça em signal de desprezo; « Que *pequeno affogador* é aquelle Hentz, que *pequeno affogador*! »

Os prisioneiros pois continuaram sua viagem. Dos cento e trinta e dois, trinta e seis morreram antes de chegar a Paris, e os noventa e seis chegaram, felizmente para elles, justamente a tempo de depor como testemunhas no processo de Carrier, em vez de responderem como reos no proprio processo.

E' que o 9 thermidor tinha soado, é que o dia das represalias tinha assemado, é que chegava para os juizes a sua vez de serem julgados, e a Convenção, depois de um mez de hesitação, acabava de processar o *grande affogador*.

Resultava de tudo isto que pela lembrança da brochura que M. de Villenave publicára ha trinta e quatro annos, quando estava na prisão, tinha eu remontado a cadeia do passado, e o que estava vendo e ouvindo já não era um discurso litterario, pronunciado por um professor do Atheneu, porém uma accusação terrivel, vehemente, mortal, do fraco contra o forte, do réo contra o juiz, da victima contra o algoz.

E tal é o poder da imaginação que a sala, espectadores, tribuna, tudo, tudo se transformara: a sala do Atheneu tornára-se a sala da Convenção; os ouvintes pacificos mudaram-se em vingadores exacerbados, e o eloquente professor, o orador de mellifluas palavras, trovejara uma accusação publica, exigindo a morte, e lamentando que Carrier tivesse uma só vida, insufficiente para pagar as quinze mil vidas que cortára.

Eu estava vendo Carrier fulminando a accusação com o olhar soturno, e ouvia a voz estridente, com que elle bradava a seus antigos collegas:

« Por que razão increpar-me hoje o que hontem me ordenavam? A Convenção, increpando-me, accusa-se tambem a si. Minha condenação é a condemnação de todos; pensem bem! todos serão envolvidos na proscripção em que eu for envolvido; se tenho culpa, tudo aqui é

culpado; sim, tudo, tudo, até a campainha do presidente »

E apesar de tudo, procedia-se à votação, o Carrier era condemnado. O mesmo terror que urgira na acção,urgia na reacção, e a guilhotina, depois de haver bebido o sangue dos condemnados, bebia, imperturbavel, o sangue dos juizes e dos algozes!

Tinha deixado cahir a cabeça entre as mãos, como se tudo aquillo me houvesse repugnado, embora fosse aquelle homem horrorosamente homicida, ao ver-lhe dar a morte que elle t'o lile almente espalbara pela humanidade.

Delanoue bateu-me no hombro.

— Já acabou, disse elle.

— Ah! já foi executado?

— Quem é que já foi executado?

— Esse abominavel Carrier.

— Sim, sim, disse Delanoue, o falta pouco para trinta e quatro annos que essa pequena infelicidade lhe succedeu.

— Ah! disse eu, fizeste muito bem de me acordar: estava com um pesadello.

— Ah! estavas dormindo?

— Estava sonhando pelo menos.

— Apre! não sou eu que hei-de dizer isso em casa do M. de Villenave, onde vou-te levar para tomar-mos uma chavena de chá.

— Ah! Bem lh'o poderás dizer, eu l'o asseguro! hei de contar-lhe meu sonho, e elle ha-de zangar-se comigo.

Neste ponto, Delanoue, ainda duvidoso se eu estava acordado ou sonhando, tirou-me da sala já vasia, elevou-me para um salão de espera onde M. de Villenave estava recebendo as felicitações dos amigos.

Logo que cheguei, fui primeiro apresentado a M. de Villenave, depois a Mme. Mélanie Windsor, sua filha, e a M. Theodore de Villenave, seu filho.

Depois, todos se encaminharam a pé, pela ponte das Artes, para o *faubourg Saint-Germain*.

Depois de meia hora de marcha, eramos chegados e desaparecíamos, uns apoz outros, n'aquella casa da rua Vaugirard, de que fallei no principio d'este capitulo, e de que vamos dar uma descripção interior, depois de haver desenhado o perfil exterior.

(Continua.)

A hospitalidade no Brasil.

(Impressões de uma viagem a Minas.)

II.

Eram cinco horas da tarde de um dia do mez de Maio.

O sol avermelhado ia-se escondendo no horizonte.

Eramos dois irmãos e o camarada.

Já tínhamos andado cerca de seis leguas, mas seis leguas de montanhas pedregosas, seis leguas que valem dez, seis leguas de Minas enfim. Sahiramos de Baependy e suppunhamos estar nas proximidades do arrayal dos Serraneos.

Dizemos suppunhamos, porque havia mais de duas horas que andavamos perdidos. Oh! como é horrivel perder o rumo em campo deserto.

O horizonte se estende largo, immenso, aos olhos do viajante extraviado, como o oceano aos olhos do navegante. Uma serie interminavel de morros escavados, despidos de arvoredos, representando todos os tamanhos e todas as fórmulas possíveis, pareciam mover-se como ondas encapelladas. O susto, o desanimo, o desespero, e o tremular dos raios do sol, do sol que era nossa unica esperança ainda augmentavam a illusão.

Um labirinto inextricavel de fitas de areia de todas as larguras, cortavam-se em todas as direcções, formando angulos de todos os grãos da escala.

Quando descíamos um valle, parecia que nos tragava um abismo, e quando escalavamos aodadadamente o morro opposto, parecia que surdiámos á flor d'agua.

Mas nem uma vella no horizonte, nem uma choupana que nos servisse de taboa de salvação.

O desespero, o desalento, a fadiga dos cavalleiros, infiltrara-se nos animaes. Banhados em suor, anhelantes, mortos quasi, arrastavam-se elles, ou antes eram arrastados de um modo que desesperava.

Como é costume em situações taes não faltáram recriminações e desabafos contra o guia que era o irmão mais moço.

— Bem te dizia eu que andavamos errados!

— Boa duvida.

— Devíamos ter tomado aquella outra estrada.

— Pois então voltemos.

— Mas vossê é que tem a culpa.

— Pois seja minha a culpa, deixará por isso de anoitecer?

Diante do tal impassibilidade, era impossivel travar uma rixa; porque é sempre o desejo de quem se acha em apuros deitar a culpa sobre outrem.

Enfim o sol sumio-se de todo, e a noite estendeu por todo o horizonte o seu manto tenebroso e frio.

Alguns minutos depois estavam todos a tremer de frio.

Um vento gelido e penetrante, como que se nos incrustava, sibilando, por todos os poros.

Chegára a hora da imaginação, depois da hora das juras e das recriminações.

Todo aquelle ermo se povoou de ladrões e quilombolas, que donde quer que estivessem estavam-nos vendo.

Em todo o charco havia uma giboia com a ponta da cauda enroscada em uma moita, e meneando o laço que nos havia de esmigalhar.

Um boi deitado na estrada era um tamanduá que nos esperava com os braços abertos.

O campo se revestira de matto annoso, donde sahiam uivos horripilantes da jaguára.

As serpentes sibilavam por toda a parte.

Mas para o camarada, joven como nós, porém mais simples, pois era um feitor, que o amo distrahiria do seu trabalho para nos acompanhar; oh! quanta gratidão devemos! — para o camarada havia ainda outra cousa, ou antes a reunião de todos estes phantasmas, personificados em um só, — era o Sacy — o Sacy, autor de todas as nossas desgraças, o Sacy que mudára a estrada para nos extraviar; e estavam debaixo do seu poder porque não resáramos (ello tinha notado) ao levantar-nos de manhã.

Não se pôde descrever o desespero com que nos resolvemos a desarrrear os animaes e dormir no meio do campo, ao relento, abandonados.

Galgámos o tope de um morro, e o camarada desarreava os animaes, quando um de nós avisou uma luz incerta.

— Será vagalume? E' muito grande.

— Oh! Meu Deus! é o Sacy!

— Oh! E' uma casa! meu Deus, como sois bom! Vamos, vamos para lá.

Aquella luz era para nós o que é para o naufrago a vela que assoma no horizonte, era a pombinha da esperança, que adejava com o raminho de oliveira no bico, annunciando o fim do diluvio, era a estrella que servia de guia aos Magos perdidos nos areaes do Oriente, em busca do Messias. Uma scintilla electrica, magnetica, desprendeuse de aquelle globo luminoso, e correu-nos pelos membros; parecíamos outros: tão rapida é a transição da maior dôr para o maior contentamento.

Os proprios animaes, talvez mais entendedores dos signaes d'aquelles mares, ou porque já ouvissem o latir dos cães que mais tarde ouvimos, não sei onde acharam um resto de vigor para caminhar em demanda da luz.

Recendo perder a ultima esperança abando-

names a estrada (e foi a nossa salvação) e andámos para a luz em linha recta.

Atravessando valles e montes cobertos de um capim que nos dava pelos joelhos, já não nos importava quimbombas nem tamanduás, nem temíamos irritar no proprio ninho a indolente cascavel, cujos guizos sentíamos ha pouco tão distinctamente; o unico cuidado que tihamos era não perder de vista o pharol que nos guiava.

Depois de descrever uma linha recta de cerca de uma legua, distinguimos um grande vulto negro, era uma fazenda.

Um ruido composto de sons heterogeneos vinha-nos ondular aos ouvidos. De repente um som plangente, uma voz de sino abalou o ar e foi vibrando até perder-se na immensidade. Era a hora da oração da noite. Não tardou muito. Um côro composto de mais de um cento de vozes alacou de improviso uma especie de antiphona em *la* menor do mais admiravel effeito, pela harmonia e accordo das vozes, e pela simplicidade dos ritmos.

Naturalmente sonhador não era esta occasião para perder.

Assim, de cogitação em cogitação, de sonho em sonho, já talvez todos os habitantes da herdade tiham vindo tomar a benção ou dar boas noites ao Bachá daquelles domínios, e eu ainda estava ouvindo aquella harmonia que tinha não sei que unção de pranto e de queixume que feria o coração — pois era um canto de escravos — quando a pancada estridente da porteira que cahia sobre o portal, restituiu-me á realidade.

Estavamos nos fundos da casa, o que me fez logo suppor que se não abandonamos a estrada perdiamos a luz, que já ha muito se havia apagado, servindo-nos de guia o latido dos cães que, d'um cercado, annunciavam freneticamente gente do fóra.

Não podemos descrever hoje a casa porque a escuridão nol-a occulta, e porque o somno que temos, e que temos causado, não nos dá lugar para mais.

B.

Opera nacional.

I.

Em todos os paizes um dos primeiros deveres considerado pelos governos é a animação as artes e ás letras: — de ambas depende o futuro dos povos, o seu adiantamento, a sua moralidade, a sua civilização enfim.

Esta verdade não tem contestação: de um golpe de vista reconhece-se que é este o pensamento, pode-se fazer tradicional, que em toda a parte que ha governo o povo tem sido posto em pratica.

A França que é a nação essencialmente carnificante,

onde vamos beber todas as noções tendentes ao bom e ao bello; a França—esta arca de todas as glorias em todos os tempos—dá nos incessantemente provas de quanto devem ser animadas a arte e as letras.

Não é com o patrocínio a tudo e a todos menos á arte prestado, que ella tem sabido animal-a; alli a idéa é tudo, e assim tem ella pensado mesmo no tempo dos Corneille e dos Racine, mesmo no tempo em que a côrte ostentava se no meio de sua desmoralisação, no meio da corrupção em que a sensualidade enroupada no luxo e nas galas a ia aniquilando.

Não citamos aqui a França com o fim de estabelecermos um paralelo entre nos e aquelle povo: nem tão pouco para querermos elevar-nos já até sua altura: fora muito para o menino que ainda dormita sonhar glorias que só com os seculos se adquirem.—*Natura non facit saltus.*

O que pretendemos porém, é mostrarmos que a arte não nos deve ser indifferente e que ligada como está ás letras qualquer animação que se lhe dê é um beneficio a ambas prestado.

Se assim pensassem todos, o theatro e a litteratura outra face tomariam.

Porém o que vemos?—O theatro bastardea a sua nacionalidade, degrada-se desce de sua civilisadora missão, despreza as tendencias, as coisas e os filhos do paiz e nas tradições muitas vezes desmoralisadoras de outros povos, e nas scenas de barbaria e inquisitoriaes do gosto vai buscar os cinco actos do drama. Mas não é só o theatro que assim procede seguindo o seu caminho desanimador.

Uma instituição tambem ha—é o Conservatorio Dramatico—que longe do que d'elle se devia esperar não tem feito o que lhe cumpria a bem das letras patrias; nenhuma animação lhes dá, pode se dizer—nenhuma.

Ha tres annos propoz um premio ao autor que lhe apresentasse o melhor drama: decorre o tempo e muitos dramas de autores brasileiros foram lhe offercidos á juízo, mas que desgraça! nenhum era digno do premio, que o mesmo Conservatorio logo depois retirou, como que arrependido de haver sido precipitado.

Dou-vos tal coisa dizem as crianças, si me fizerdes isso: vem o arrependimento:—não era isso quo eu queria, replicam; e para que se não chegue a acertar;—agora não quero mais, terminam dogmaticamente.

O Conservatorio assim procedendo, a paga para a nossa mocidade qualquer lampejo de luz com que a sua intelligencia procure illuminar-se; o theatro vai alem, fecha lhe as portas.

—Não são mal cabidas estas considerações quando se trata de restabelecer a opera nacional tantas vezes cahida e outras tantas levantada. A opera lyrica nacional é uma arte, como o drama tambem é, e como elle tem a sua litteratura.

A inclinação e o gosto do paiz estão de sua parte;

pode-se mesmo dizer que são sentimentos inatos no coração brasileiro e, pois, como não tentar-se ainda uma vez reerguer sobre bases solidas uma instituição de tão lisongeiro futuro?

E' tempo de acabarmos com essa vaidade aristocratica pelo lyrismo italiano, é tempo de aproveitarmos tanta belleza natural que a todos os respeito entre nós vegeta como as plantas de nossas campinas, como as arvores de nossas florestas.

Não será por falta de artistas nacionaes, por falta de gosto, por falta de belezas naturaes que se neguem favores á nova creação de uma instituição de canto neste genero; este argumento não procede, por isso que mais de uma vez e em epocas todas differentes e mesmo excepcionaes tem se entre nos estabelecido sociedades, companhias que tem levado a effeito tão bella idéa.

No Rio de Janeiro, Bahia e Minas desde que existem theatros tem existido cantores. As comedias antigas como D. João d'Alvarado, Labyrintho de Creta, Variedades de Proteo, Precipícios de Phaetonte, Encantos de Circe, Alecrim e Mangerona, e outras cujos nomes acham-se inteiramente esquecidos, eram intercalladas de arias e duetos, e os seus cantores todos nacionaes, por isso que da Europa não vinham elles ao Brasil—colônia.

O Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, homem illustrado e amante do Brazil, sem despeza do thesouro então denominado real, e que n'essa epoca continha unicamente as quantias necessarias para pagamento das folhas civil e militar, creou uma companhia lirica sob a direcção do tenente coronel de milicias Antonio Nascientes Pinto, escrivão do sello da alfandega, que dotado de não vulgar instrucção e algum tanto versado em musica, accellou a missão que o Vice-Rei lhe conferira, encarregando-se dos ensaios. Então, como hoje ainda se faz, elle mesmo traduzio em verso portuguez as peças mais em voga naquella epoca, como Chiquinha, Piedade de amor, Italiana em Londres.

O Desertor hespanhol, bem como o Alecrim e Mangerona e outras foram composição de um nosso patricio.

Uma alma remida.

(Lenda).

Raul, senhor de Bruavant era um nobre e poderoso mancebo, cuja fama corria por toda a parte; o principe de Romorantin seu soberano lhe invejava o fausto, a grandeza, as festas, os banquetes e caçadas, que frequentemente at-
trahia junto á si numerosos amigos.

Em qualquer parte que se desdobrasse o estandarte de Raul, e se visse a aguia e o urso em suas armaduras, todos se descobriam em signal do respeito.

Uma antiga tradição explicava porque no escudo dos Bruavants se viam estes dois animaes

Eis o que dizia-se:

No tempo das cruzadas o chefe desta grande familia combatia em terra santa. Uma tarde porém em que despindo a sua armadura tinha adormecido junto a uma fonte, ouviu um grito terrivel que despertou-o; abriu os olhos e vio não longe de si um urso monstruoso, que lhe observava em signal de ameaça e de cubica. Armarse era difficil e por isso o cavalheiro cheio de fé dirigio uma supplica ao Altissimo. O auxilio de Deus não tardou e uma aguia rasgando o seio das nuvens, desceu sobre o monstro e lhe cavou os olhos, dando-lhe assim tempo para que empunhasse a espada e matasse esse animal feroz. Divulgado o milagre o piedoso monarcha S. Luiz decidiu que a aguia e o urso figurassem nas armaduras dos Bruavants.

Raul era o mais feliz dos homens; seu espirito vagava no oceano dos prazeres e das felicidades. Eis porém o que diziam os legendarios contemporaneos.

Nas visinhanças do castello de Bruavant erguia-se a abbadia de Moulin-Frou. Os abbades eram sempre bem recebidos n'aquella habitação. Os antepassados de Raul tinham as grandes qualidades da coragem do bravo, e da fé do christão.

Da alliança do poder temporal com o espiritual resultou o seguinte: a caza do Senhor recebeu generosos donativos, cujos productos convertidos em esmolas alliviavam os fracos e soffredores. De repente o céo puro e sem mancha annuviou-se, e a harmonia e as relações deixaram de existir entre a abbadia de Moulin-Frou e o castello de Bruavant. Um grande acontecimento tinha tido lugar, Raul era esposo de sua sobrinha, a senhora de Chaumont, sem ter obtido a dispensa necessaria para os laços de consanguinidade. Seu capellão, velho timido e afeito á obediencia, abençoou a união; porém o abbado de Moulin-Frou citando para seu tribunal o terrivel visinho, condemnou-o a fazer a confissão publica do seu delicto e a dar á abbadia a floresta de Bruavant.

Ora, Raul que era grande caçador, por certo não poderia renunciar a um dos seus melhores prazeres. Em consequencia respondeu á notificação ecclesiastica prohibindo expresamente aos frades de Moulin-Frou de passarem por suas terras debaixo de qualquer pretexto.

Tão grande violencia moveu uma guerra surda entre estas duas entidades; não obstante, Raul muitas vezes sentiu a voz da piedade venerar-lhe o orgulho, mas sempre que o seu resentimento estava prestes a ser apagado e esquecido, um incidente vinha avival-o.

Assim aconteceu uma manhã.

O Sr. de Bruvant, rodeado de grande comitiva estava prestes a montar a cavallo para uma caçada quando foi sorprendido por sua esposa, que vinha toda chorosa e envergonhada referir-lhe a affronta que acabava de soffrer.

O abbade Moulin-Frou tinha instigado os desgraçados a recusarem sua esmola, dizendo que a esmola de uma pagã não podia ser aceita por Deus.

Raul ouviu encolerisado a narração de sua esposa; depois, montou a cavallo e em um instante embrenhou-se na floresta com toda a sua comitiva.

O senhor de Bruvant foi sempre um bom discípulo de Saint-Hubert; a caçada foi sempre o seu divertimento favorito. N'aquelle dia porém as peripecias da caça não podiam distrahir-o, elle era indifferente ao som das trompas, das cornetas, do latir dos cães e de mil vozes que reunidas faziam um concerto infernal.

De repente ao lado de uma encruzilhada, o cavallo em que ia montado Raul, parou espantado diante de uma procissão que desfilava por uma das avenidas lateraes,

Era o abbade de Moulin-Frou e os seus frades que levavam o viatico a um doente.

Tão rapido como o raio, Raul saltou em terra e apresentou-se diante do seu inimigo.

— Frade, lhe disse Raul, — não te prohibi expressamente de passar por minhas terras?

Sua voz tremia e tinha uma inflexão que amedrontava; a colera enrubecia o seu semblante.

— O abbade mostrando o santo ciborio, respondeu com altivez: — Só Deus é o meu senhor e senhor de todos, é em seu serviço que eu atravesso esta floresta.

— Não irás mais longe, tornou Raul, tomando o braço de seu interlocutor e sacudindo com tal raiva e violencia, que o vaso sagrado cahiu-lhe das mãos, e as santas hostias espalharam-se pelo chão.

Ouviu-se um grito de espanto e de indignação nas fileiras dos espectadores; este acto sacrilego tinha produzido espanto entre os caçadores, e indignação entre os frades.

— Calcaste aos pés o corpo do Salvador do mundo, disse com ameaçadora magestade o abbade de Moulin-Frou, Deus te perdoe!

— Basta! replicou Raul com um sorriso impio, a aguija de Bruvant esmagará em suas garras teu bastão abacial, e tua mitra ficará mal accomodada entre as unhas de meu urso.

— Conserva a tua cegueira que um dia o raio da justiça divina te fulminará. Então, nobre senhor, verte-has vergonhosamente expulso desta castellania, que te fez tão altivo, e eu tomo o céu por testemunha, comoahi não entrarás sem que a aguija võe sobre tua cabeça e o urso lamba

tuas mãos. Deus pode animar a pedra do teu escudo, porém elle não faz milagres senão a favor de seus eleitos. Arrepende-te! arrepende-te!

Durante esta troca de palavras, os frades reuniam as hostias, e os companheiros do Sr. de Bruvant o arredavam do lugar, temendo novas violencias. O abbade de Moulin-Frou e sua comitiva continuaram seu caminho, em quanto a caça retomava a sua marcha interrompida. Porém a emoção da scena escandalosa e terrivel que teve lugar abalava ainda os corações e uma indefinivel indisposição gelava o prazer, e insensivelmente diminuia o numero de hospedes e convidados que acompanhavam Raul. E' que cada um antevia as terriveis consequencias do sacrilegio, e retirando-se procuravam abrigar-se de toda suspeita de complicitade.

Uma hora depois da partida do abbade de Moulin-Frou, o senhor de Bruvant era unicamente seguido de seus criados; como ao sopro da tempestade as folhas são dispersadas pelo outomno, todos os seus amigos se tinham dispersado, afugentados pelo vento do temor.

Embebido em tristes pensamentos, Raul não tinha notado esta deserção, porém foi necessario aperceber-se della quando seus picadores assustados por este abandono, pararam diante delle, parecendo esperar por novas ordens.

— Ah! disse, lançando um olhar em torno de si, os temores comegam.....

Pois bem! chamem os cães e entremos em nossa habitação.

II.

Dois dias depois da scena que teve lugar entre Raul e o abbade Moulin-Frou, um arauto do Conde de Romorantin trouxe ao senhor de Bruvant uma ordem para comparecer ante seu soberano, a fim de responder sobre os delictos execraveis e condemnaveis ao chefe supremo.

Raul irritado secretamente pela reprovação tacita, que denunciava a partida occulta de seus hospedes, tomou o pergaminho e esmagou com o pé o sello de cera vermelha onde seliam as armas do Conde de Romorantin; depois despedio brutalmente o mensageiro, dizendo-lhe que advertisse a seu senhor que suas muralhas eram boas, as grades solidas e seus archeiros convenientemente exercitados.

Não se fez esperar por muito tempo a represão desta insolencia.

Uma manhã a ronda tinha visto afixada na porta secreta do senhor de Bruvant uma sentença de excommunhão contra elle, e todos os que antes do sol descahir no horisonte não tivessem abandonado seu serviço.

A noticia transmittida a quem mais interessava, a bulla foi despedaçada com colera, e para

tutal-a, Raul ordenou a seus homens de armas que perseguissem todos os vassallos da abbadia que fossem encontrados em seus domínios e os aforcassem sem mais informações.

Porém o mesmo terror que tinha afastado de todos os gentis homens actuou sobre seus criados; o sol dourava ainda o cimo das florestas e já os senhores de Bruavant achavam-se sós no castello.

Deste modo as lanças do Conde de Romorantin não acharam difficuldade em apoderar-se d'elle, e uma semana não tinha decorrido e já Raul esperava no fundo de uma masmorra o que decidiria d'elle seu nobre soberano.

No dia do julgamento, com os braços carregados de cadeas compareceu ante um tribunal composto de todos os barões e viscondes da Solonha. Procedeu-se ao interrogatorio, nenhum dos factos articulados contra elle foram negados, limitando-se tão sómente a negar a alligação inimizada que existia entre Bruavante e Moulin-Frou. Os juizes não acharam uma só circumstancia attenuante do crime, e em consequencia condemnaram Raul, senhor de Bruavant, dez mil escudos tornezes de multa e ao desterro perpetuo, ficando suas terras sob sequestro.

A senhora de Bruavant veio pagar a multa estipulada, entregando seus braceletes, todas as suas joias e até sua corôa senhorial.

Quando pesaram-se os marcos de ouro e de prata, e as pedrarias, o Conde de Romorantin vantou-se e disse:

— Raul, um mez te é concedido para sares do bello reino da França, que deshonraste por teus sacrilegios e brutalidades para com um dos seus dignos pastores.

— Nobre Conde, respondeu o sentenciado, e me submetto á vossa sentença, ella é justa; somente peço ao meu accusador que está presente cumprimento de uma promessa.

— Que promessa? disse o abbade de Moulin-Frou?

— Vós me annunciastes que eu não entraria em Bruavant, senão quando a aguia voasse sobre minha cabeça e o urso me lambesse as mãos.

— Sim.

— Pois bem! se Deus, clemente e bom fizer milagre de animar a pedra de meu escudo, poderei entrar, perdoado, na habitação de meus antepassados?

— Sim, porque se Deus fizer este milagre sereis um de seus eleitos.

Vinte e dois annos depois do desterro de Raul, uma santa personagem percorria as terras incultas da Solonha, curando os doentes,

aliviando os pobres e consolando os afflictos. Dizia-se que tinha vindo da terra santa onde durante longos annos tinha sido a honra e a edificação da Thebaida, não se preocupando senão de chorar e supplicar, arriscando-se a morrer de fome se uma aguia e um urso milagrosamente não provessem as suas necessidades.

Por toda a parte onde passava, via-se a aguia esvoaçando sobre sua cabeça e o urso lambendo-lhe as mãos.

Era Raul, que, pela penitencia tinha remido seu sacrilegio, e a quem Deus permittia entrar em Bruavant, onde fundou um convento religioso, que existiu até a Revolução.

Ver. de R.

O mar e a vida.

O mar é uma imagem da vida.

O oceano tem os seus fluxos e refluxos, as suas crescentes e minguentes; na vida ha tambem o fluxo e refluxo de risos e lagrimas, de prazeres e de dôres; ha tambem intermitencias.

O oceano mostra-se ás vezes sereno como o lago, cujas aguas o vento não move nem agita, representa-se liso como o espelho; outras vezes mostra-se tempestuoso, negro, revollado, formando as suas ondas montanhas e abysmos: assim é a vida, ora tranquilla, serena como o somno da criança, ora agitada pelos ventos das paixões, e tenebrosa e feia como a noite da tempestade.

E' desconhecida a exacta profundez do mar; em certos lugares é um mysterio para a sonda do maritimo; e o que é a vida, esse espirito, esse principio que anima os corpos?

Os sabios, os doutos, os philosophos de todos os tempos, não tem podido concordar as suas opiniões sobre este mysterio da criação.

Quando perguntáram a Pascal o que era a alma, esse sabio respondeu — não sei.

O oceano immenso, sublime, é um symbolo da grandeza de Deus; é o espelho do universo, onde se reflecte toda a omnipotencia do Creador.

E a vida!

E' um sopro do Omnipotente, que dá intelligencia, movimento e sentidos ao homem, é um mysterio grandioso, que só pôde ser creado pelo Supremo Architecto.

As aguas do mar não param, estão sempre em movimento dos polos para o equador, e d'ahi para os polos; e o que é a vida, senão o movimento continuo de percepções e sensações!

A agua do mar é sobre-carregada de saes, é acre, e é pela evaporação, que ella perde os seus principios salinos, tornando-se clara e pura; e

a vida, a alma, não é pela ascensão ao céu, que se purifica, que se regenera, e que se torna digna de habitar com Deus?

Um poeta diz: o oceano tem dois polos, a vida também os tem: o berço e o tumulo.

Azeredo.

Revista de theatros.

SUMARIO.—Um pedido a leitora.—Uma carta.—Gymnasio.—Uma bella comedia.—S. Pedro.—Observações.

Diogenes, queria um homem, o *lazzaroni* procura uma garrafa, eu só peço, só trabalho para alcançar—um olhar.

Uma differença apenas: o vaidoso philosopho não alcançou nada, o *lazzaroni* alcança difficilmente; eu, desculpe a fatuidade, tenho alcançado com facilidade o que procuro.

Não o negue, leitora, não o pode negar. Demais que monta isso? Depois de um somno agradável—um folhetim. Mas para esse folhetim um olhar complacente, penetrante, curioso; ali tem!

Ora, esse olhar, que agradeço aqui do meu tonel litterario é o que eu peço com mais instancia hoje; um olhar complacente; mais rada.

A leitora far-me-ha esse favor: terá um olhar benévolo para estas linhas magras, como um poeta de albus. Eis ao que vem este preambulo.

Acho-me na verdade ligado, optando entre a auzencia de materia e necessidade de escrever; os dous rochedos da Odysséa. Em linguagem mais terra-á-terra chama-se isto uma entalação, o que é expressivo em toda a extensão do vocabulo.

E' uma perfeita entalação. Fallar de que?

Tudo é velho; e eu temo cair em uma repetição.

Mas como é necessario começar por alguma coisa, vou transcrever um bilhete de um amigo. E' um simples bilhete; reporto-me á sua opinião,—e sanciono de bom grado as suas palavras.

Eil-o na integra:

My dear,

Parto hoje para fóra; o cavallo está prompto. Não posso lá ir: por isso faço-te daqui as minhas despedidas.

Julguei encontrar-te, terça-feira, no Lyrico, mas inutil. Nem so. libras tuas! Procurei-te por toda a parte, saguão, corredores, nada! Só me faltava uma lanterna para ser Diogenes.

« Depois de muito procurar encontrei-me com o Jorge que me disse estares no Gymnasio. Quiz ir lá, mas uma cabeça loira como a estrella da tarde m'o impedia Fiqui.

« Entretanto quero pagar-te um logro com um

obsequio: escrevo-te esta carta com duas linhas sobre o espetáculo.

« Correu a peca como sempre. Os *Martyres* foi sempre uma bella partitura. E' verdade que o *Mirate* não vai ao Tamberlik, apesar que se diz por ali—mas contudo eu sou sempre dos primeiros a applaudil-o.

« A Medori foi applaudida estrondosamente; e merecia-o! Não sou medorista, e já ves que sou insuspeito. Não sou tambem dos que levam de relógio na mão a marcar o tempo de uma nota daquella garganta; mas dei com muito gosto as minhas palmas.

« Já ves que a minha linguagem não pode ser tachada de official, confio no teu bom senso.

« Gostei muito e muito do *credo* que o *Mirate* canta com expressão e sentimento: o dueto final fez furor; o publico chamou os artistas no fim, e fez-lhes uma ovação completa.

« De volta da minha viagem, lá voltarei aos *Martyres*; gosto daquelles rasgos de harmonia, que reveilam ao longe a alma revolucionaria do Verdi; é um dos mais bellos livros da litteratura musical.

« Bate a hora. E' preciso partir; adens. Dá lembranças minhas ao El. e ao Ramalho; e deseja-me uma boa viagem.

Teu

B.

Exigir mais do que isto de um amigo que tem o pé no estribo, é ser cruel, e a leitora deve necessariamente contentar-se com isto — assim como eu.

Que quer que lhe diga do Gymnasio? Já lhe fallei no Luiz; e a comedia *Meu nariz, meus olhos, minha boca*, já a leitora conhece de certo. E uma das mais chistosas produções do gosto francez—e que o theatro deve dar-nos uma vez por outra, como uma bella distracção. Uma observação, porém. O Sr. Militão no papel de *Baltimore* é mais característico, mais original que o Sr. Heller no de *Van-Truffel*, o hollandez. Este agrada menos. E tem razão. O Sr. Heller fica deslocado na comedia: o drama é a sua esphera. Desde S. Pedro que os papeis graciosos repugnam ao joven actor.

O Graça, o Inimitavel Graça vai aqui como sempre, altamente perfeito.

O Luiz foi ainda e será applaudido. Não me farto de ir ver aquelle excellente drama; e aconselho o mesmo á leitora. Não?

Em S. Pedro houve uma das antigas tragedias, *Nova Castro*. Não entro na apreciação dessa produção, pois que é demais conhecida. Eu só admitto a *Nova Castro* como uma pagina de bellos versos. Entretanto uma observação não vem fóra de tempo.

Apprecio o Sr. João Caetano, conheço a sua posição brilhante na galeria dramatica de nossa terra. Artista dotado de um raro talento escreveu muitas das mais bellas paginas da historia da arte. Havia nelle vigorosa

iniciativa a esperar. De hoje, como des- jam os que pro-
testáram contra a velha religião da arte, que debaixo de
sua mão poderosa a platéa de seu theatro se eduque e
tome uma outra face, uma nova direcção; ella se con-
verteria de certo ás suas idéas e não oscillaria entre as
composições-munias que desfilam simultaneas em pro-
cessão pelo seu tablado.

Seria a *cupola* do seu Capitolio. As bênçãos da re-
forma lhes cobririam a cabeça; e as maldições dos *fos-
seis*, se os houvessem, não lhes faria mal nenhum.

A leitora concorda de certo comigo; é a minha pri-
meira victoria.

Minha sobrinha e meu urso, comedia de que já fallei
em uma revista, repetiu-se ainda em S. Pedro. Fallando
com franqueza, o Sr. Martinho, no papel que desem-
penhou, e que lhe estava no character, não foi acompa-
nhado por seus collegas. O Sr. Barbosa, seria bom que
não exaggerasse tanto a voz, nem o gesto, o que o torna
desagradavel.

A arte tem raia; é preciso não exercê-la na clave da
lularidade publica.

O Sr. José Luiz no limitadissimo papel de criado
agradou-me; caracterisou-se bem.

Não tenho mais espaço. E' força acabar.

Agora esse olhar complacente que lhe pedi, leito
por que depois desta revista tão sem sabor, tão a o
correr da penna, careço de uma benevolencia e uma
esperança de melhores paginas.

M.-as

A' morte de Junqueira Freire

Do retiro claustral cysne sagrado

O vôo desprende!

Enchendo os ares patrios de harmonias

Cantou depois morreu!

Mysterio! — Ave creada entre os altares,

Acaso a turba impura

Po mundo com seu bafo envenenado

Abriu-te a sepultura?!

Funindo-te o desprezo de seus lares

O Anjo de São

Por ordem do Senhor tão presto dea-te

A morte, em punição?!

Preso o espirito, acaso, nas cadeias

Do voto eterno e forte

Teve, na lucta acerba espedaçando-as.

Por liberdade a morte?!

Mysterio! — Respeitemos n'esta campa

Decretos divinaes!

Sobre as cinzas do morto ao vivo toca

O pranto e nada mais!

Rei que fora! — Era um servo que devia

A vida ao Senhor seu!

Seu Senhor o chamou, a voz ouviu-lhe,

E prompto obedeceu!

Puvidais do que digo? — Erguei a campa...

Esse corpo o que é?!

E negareis ainda que era um servo?!..

— Ah! tendes a librê!

Viveu como poeta, de poeta

Deixou o canto e a fama.

— Inda no craneo morto tem — bem vedes

Do louro verde a rama!

Leste-lhe a poezia? Eram arquejos

D'um coração afflicto!

De uma alma que ensaiava na materia

Os voos do infinito!

Voo!.. Cysne de luz adeja livre

Mão grado a humanidade!

Os hymnos dos archanjos são seus hymnos

Seu mundo — a eternidade!

S, Rabello.

Louvores a Deus.

I.

Da diurna carreira já cansado

O sol no dorso alpestre da montanha

Enfermo se reclina

Com regia magestade; e o ceo doirado

Fugitivo clarão tepido banha

O valle e a collina.

Após lá vem de sombras um gigante

Se erguendo manso e manso do oriente,

De meste horror sublime.

Qual rou ador que espreita vigilante

Thesouro occulto e aguarda impaciente

A hora para o crime.

Eil o como já sofrego se arroja

Ao leito aonde radiante expira

O astro soberano,

Te cujas galas avido o despoja

E o seu cadaver magestoso atira

Ao seio do oceano.

A lua pelo espaço lacrimosa

Triste discorre o occaso demandando

Em extasi supremo,

Para imprimir-lhe pallida e saudosa

No tumulto deserto — o venerando

Beijo de amor extremo.

Como gotta do pranto amargurado,
Que ella vertera entregue ao delirante
Frenesi da saudade,
Do céu no infinito paramo asulado
Verde a cstrella da tarde no levante
Suave claridade.

Viuva do seu rei, a natureza
Aos brandos ais da fonte do deserto
Melancolica geme ;
Triste suspira a brisa da deveza
E sobre a costa, em funebre concerto,
O mar saudoso freme.

Plangente o sino da capella troa,
Avisando que é morto o rei do dia ;
E o seu troar em pranto
Em cada coração na terra echoa
Quando a humida noite vem sombria
Envolve-a em seu manto.

E' a voz com que o tumulto nos brada
Na foz da eternidade para onde,
Vamos em romaria :
*« Está mais perto o termo da jornada
« Que nos mysterios do porvir se esconde
« Com a luz do eterno dia. »*

E esse painel de estrellas que lampejam
Por entre o immenso véo da noite escura
E' a pennugem de ouro
Que aos anjos cabe das azas, quando adejam
Do sol cantando em torno a sepultura
Seu hymno inamorreduro.

Cabe-lhes das azas e gentil reflecte
Do astro defuncto a luz pallidamente
Como padrão de gloria !
Assim preclaro o nome se repete
De morto heroe, gravado eternamente
Dos homens na memoria.

II.

Que harmonia indefinivel
Não resumbra da tristeza,
Sublime da natureza
Na hora do sol se por !
E que celeste doçura
Na dolorosa harmonia
Que o extremo arquejar do dia
Sobe ao throno do Senhor !

Se na to onde a vida
Resvalla em riso e pranto,
Se gosa tão doce encanto
Na hora do sol se por,

Que delicias ineffaveis
Os anjos não gosarão
La na celeste Syão
Junto ao throno do Senhor !

Em terra, Julia, os joelhos
Humildemente dobremos
E louvores entocemos
Do bem ao Supremo Autor
Que extrahindo a luz das trevas,
Com a luz vida nos deu,
E a vida nos encheu
De puro, suave amor.

Setembro 1859.

Gomes de Souza.

Noticias à mão.

O Sr. Gaspar Antonio da Silva Guimarães, dono de um estabelecimento na rua de S. Pedro n. 126, onde se fazem primorosos retratos a daguerreotypo e photographados, acaba de fazer a aquisição de tres artistas estrangeiros, com o auxilio dos quaes, apresenta em sua casa duas reformas na arte. São a reproducção pelo processo de ambrotypia sobre couro de verniz, e uma delicada photographia aperfeiçoamento sobre os outros systemas.

Vimos exemplares de uma e outra cousa; e podemos asseverar que são de grande merito. A photographia é um busto, cuja parte inferior se perde no vapor de um sombreado perfeito. O outro, sobre couro de verniz, é tambem de uma delicadeza admiravel. Além da perfeição de feições e da expressão physionomica, ha a grande qualidade de se não quebrar a crosta de colodion sobre que se opera a reproducção.

O Sr. Gaspar Guimarães apresentará ao publico o seu prestimo e o de seus companheiros desde segunda feira, em que se póde lá ir verificar o que acabamos de expor.

Estes retratos de couro, além de todas as vantagens, tem ainda a de pôr ao alcance de todos o retratar-se por aquelle bello systema. Cada retrato custa apenas dois mil réis. E' o mais modico possivel.

—Brevemente encetaremos a publicação de uma — Galeria dramatica — biographias e um retrato correspondente. O photographo é o Sr. Gaspar Guimarães, e o biographo é o Sr. Machado de Assis.

TYP. COMMERCIAL

DE

F. O. QUEIROZ REGADAS
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 9.
1859.